

RETRATOS DO SERTÃO: AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO NAS TELENOVELAS E SUAS IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS

PICTURES OF SERTÃO: THE REPRESENTATIONS OF THE BACKLANDS (SERTÃO) IN TELENOVELAS AND THEIR EDUCATIONAL IMPLICATIONS

Antenor Rita Gomes¹
Jerriana Santos Santana²

RESUMO

Este trabalho tem como propósito o estudo das representações visuais sobre o sertão e suas implicações para as questões educacionais. Resulta de uma pesquisa que analisa cinco horas de gravação das telenovelas dos canais abertos de TV do Brasil dos últimos cinco anos. O trabalho pretende evidenciar os modos de produção das visões estereotipadas sobre o sertão e sua gente e subsidiar o uso das imagens numa proposta de educação contextualizada com as questões socioculturais.

Palavras-chave: Sertão. Mídia. Representação.

A MÍDIA E O SEU CARÁTER FORMATIVO

A sociedade vivencia sensíveis transformações nos modos de produzir e armazenar e de socializar o conhecimento. Nesse movimento, destacam-se as mídias contemporâneas, não só pelo caráter de inovação tecnológico que comportam como também pelos aspectos sociopolíticos, culturais e educativos que as envolvem. As tecnologias ampliaram significativamente as possibilidades de comunicação e, conseqüentemente, o poder simbólico exercido pela comunicação midiática. Essas mudanças fazem com que o contorno de algumas instituições culturais, como escolas, universidades, igrejas e a própria indústria da mídia seja, hoje, menos delineado do que o era em meados do Século XX. A distinção mesma entre essas instituições e seus papéis não é tão nítida para a sociedade como fora outrora. Isso tem um desdobramento e um impacto direto na educação.

As tecnologias possibilitaram o uso da comunicação em escalas cada vez mais abrangentes da população. Tanto maior a abrangência de um processo comunicacional tanto mais significativo será a seu potencial de interferência nas interações interpessoais porque suas representações atingem a um número maior de pessoas (aliás, esse é um dos sentidos do termo “comunicação de massa”). A internet e a televisão são os principais modelos desse tipo de comunicação. A

¹ Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia, Mestre em Educação e Pesquisa pela Université du Québec a Chicoutimi e doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Prof. Titular da Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Brasil. E-mail: dr.antenor@hotmail.com

² Graduação em Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Universidade do Estado da Bahia, UNEB. Brasil. E-mail: jerriana.santana@hotmail.com

informação semiotizada possibilita a negociação de sentidos e transforma a cultura em produto de consumo. Ela traz uma mescla dos poderes políticos e econômicos que não só informam, instruem e divertem como também “educam”. Por meio do trabalho simbólico, a mídia constrói sentidos, imagens e representações que são arroladas, propagadas e negociadas pelos interlocutores como valor de verdade, embora sejam sempre representações que, muitas vezes, são centradas nos grupos sociais que detêm o poder inerente a um processo comunicacional, seja ele qual for. Assim, a mídia, por meio das representações que desenvolve e das imagens que utiliza ocupa um lugar central nos processos educativos, em sentido geral. Por meio dela se propagam valores e ideologias de uma forma dinâmica, que extrapola os processos comunicacionais de interação face a face. As formas de interação disponíveis na mídia além de ser, em boa parte, de natureza unilateral, comumente se apoiam numa diversidade de recursos linguísticos como verbo, imagem, som, cor e movimento que tornam o ato comunicativo um todo de relações híbridas e de sentido complexo. Essa característica torna sua atuação como poder simbólico ainda mais significativa para os processos educacionais.

O termo educação pode ser tomado em diversas acepções. Uma delas é a que entende a educação, em sentido amplo, como o trabalho de uma geração sobre a outra, com o intuito de lhe transferir conhecimentos, costumes, valores e tradições culturais. Essa função de educar diz respeito a toda a sociedade, e não, somente, a instituições específicas, como a escola e a universidade, a quem caberia uma função oriunda de outra acepção do termo, ou seja, uma ação especializada desenvolvida por profissionais da área, por meio de ações específicas que envolvem o ensino. Aqui o que se defende é que, em qualquer dessas acepções, a educação se processa por meio de ações, propositadamente arquitetadas para fins educacionais, direcionadas a realizações de outra natureza e que tenham a educação como um meio ou como consequência. De toda sorte, o que se tem são ações educacionais, atos educativos. As ações educativas não especializadas estão presentes na cultura, sobretudo, nas instituições que fazem uso sistemático da comunicação. A mídia, por seu trabalho de semiotização, ocupa parte significativa desse processo.

Entendidas as coisas desse modo, podemos assegurar que a mídia exerce um “papel educativo”, no sentido de que interfere na formação dos sujeitos transmitindo informações, criando representação e pontos de vista. Mais ainda, é possível afirmar que a ação educativa da mídia tem proposições e interações dirigidas, inclusive, a cada tipo de programa que se ocupa de uma parcela da sociedade. Na televisão, por exemplo, há uma distinção nítida entre a programação dos canais tidos como educativos e os canais comerciais; entre a TV aberta e os canais por assinatura, entre um programa e outro. Assim, a mídia, com suas representações e seu *ethos* próprio, toma parte tanto para criar e divulgar quanto para instaurar acepções tidas como verdade.

Considerando, portanto, esse poder formativo que a mídia comporta, o objeto de interesse deste trabalho é a telenovela brasileira, com suas representações do sertão nordestino, com o intuito de compreender as implicações educacionais que encerra.

DELIMITANDO O CAMPO DA PESQUISA

O gênero “telenovela” começou a circular no Brasil em 1951, quando as telenovelas eram apresentadas ao vivo e iam ao ar apenas dois dias por semana. A partir de 1963, esse fenômeno que, ainda hoje, prende a atenção de boa parte da população brasileira, passou a ser apresentado diariamente. Devido a isso, deferentes culturas e povos foram colocados em contato uns com os outros e transmitindo representações diversas, ora carregados de características minuciosas, ora de forma bastante generalizada e caricatural.

O Brasil é um país com uma vasta diversidade de povos, culturas e lugares. Nas transmissões televisivas, porém, essas diferenças se traduzem em esquemas de dominação de uma região sobre a outra, principalmente das Regiões Sul e Sudeste sobre as Regiões Norte e Nordeste do Brasil. A mídia constrói sentidos e imagens que são arroladas pelos interlocutores como efeito de verdade, embora sejam apenas representações centradas nos grupos sociais que detém o poder. As diferenças culturais, muitas vezes, são tomadas como motivos de chacota ou de inferioridade.

Cabe-nos indagar sobre a representação do sertão nordestino nas mídias televisivas. Como o sertão é representado na telenovela em relação aos aspectos culturais, humanistas e paisagistas? Em que medida essas representações formam opiniões/posições sobre essa região do País?

Este trabalho, focado nas telenovelas brasileiras tem os seguintes objetivos:

- a) Identificar as representações do sertão nordestino presentes em telenovelas produzidas pelas TVs abertas do Brasil;
- b) Relacionar as representações produzidas pelas telenovelas com o ato educativo.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa seguiu as seguintes etapas:

- 1- Levantamento das telenovelas produzidas nos principais canais de TV abertas do Brasil entre os anos 2007 e 2012 (Rede Globo, Record, Bandeirantes e SBT). Nessa etapa da pesquisa, elencamos 59 telenovelas;
- 2- .Leitura das súmulas para selecionar as telenovelas que apresentavam alguma relação com o sertão. Nessa fase, fizemos a escolha com base nos resumos disponibilizados pelas emissoras na internet. Se alguma telenovela de qualquer emissora tenha representado o sertão nesse período e não foi localizada por esta pesquisa é porque o sertão não foi mencionado nessas súmulas.
- 3- Aplicação de uma tabela de critérios para selecionar as telenovelas em relação à paisagem, à cultura, aos habitantes, ao cotidiano e à quantidade de cenas ambientadas. A tabela contava também com questões como: as cenas e os discursos apresentam pouca, muita ou nenhuma relação com o sertão? Nessa etapa, selecionamos nove telenovelas que apresentam muita relação com o sertão. Foram elas: Cordel Encantado, Araguaia, Caras e Bocas, Amor Eterno Amor, Avenida Brasil, Gabriela, Paraíso, Aquele Beijo e Cheias de Charme. Importante notar que todas as telenovelas selecionadas foram produzidas pela Rede Globo de Televisão.

Nos demais canais de TV, não encontramos nenhuma telenovela relacionada ao sertão brasileiro nesse período.

- 4- Seleção de cenas em que o sertão fosse retratado como cenário ou por meio dos discursos das personagens. A catalogação das cenas incluía a descrição do cenário, as falas, o tema, o figurino, a sonoplastia, as expressões faciais etc. Do ponto de vista quantitativo, consideramos a pesquisa concluída com a análise/descrição de 05h00min (cinco horas) de cenas gravadas.
- 5- Análises interpretativas de todo o material obtido - Nessa fase, excluímos as telenovelas: Paraíso, Araguaia e Amor Eterno Amor, pois optamos pelo sertão nordestino e entendemos que tais novelas faziam referência a outros sertões.

O SERTÃO RETRATADO

A mídia televisiva é um veículo de comunicação de grande importância e impacto social no Brasil, devido as suas formas de expressão e aos temas predominantes que buscam retratar o cotidiano das populações. As telenovelas vêm se tornando um dos gêneros televisivos mais vistos por todas as camadas sociais da sociedade brasileira e retratam, muitas vezes, de maneira estereotipada, as relações sociais, as religiões, os lugares e as manifestações culturais do Brasil e sua gente.

As representações geradas pela mídia são frutos da retratação de coisas comuns, que se traduzem em implicações na vida cotidiana. Os comportamentos adotados por pessoas influenciadas pelos meios de comunicação de massa, por exemplo, são resultantes do modo como representam socialmente esse objeto ou comportamento e do significado que ele adquire em suas vidas. Para a concordância e a afirmação desses tipos marcados que o poder da mídia enfatiza, é necessário que haja uma legitimação e elevação de uma cultura tida como a dominante que, possivelmente, apareça ao lado da cultura dominada para perpetuar o seu valor simbólico e influenciar o comportamento das pessoas. Esses movimentos de significação e representação sofrem distanciamentos e limitações, sobretudo, quando se trata de questões polifônicas ou de sentido aberto. Isso ocorre, por exemplo, quando as mídias retratam, de modo simplificado, realidades complexas como o sertão.

O vocábulo sertão é bem conhecido do povo brasileiro, porém, do ponto de vista econômico e sociocultural, é uma realidade pouco explorada em toda a sua potência e complexidade. No dicionário, o termo sertão é definido como região agreste, distante das povoações ou das terras cultivadas; terreno coberto de mato, longe do litoral, interior pouco povoado. Na perspectiva da geografia física, é uma região caracterizada pela presença de clima semiárido, vegetação de caatinga, irregularidade de chuvas, solos secos e rios temporários.

Segundo Albuquerque Jr. (2001), depois de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, o conceito de sertão ganhou uma nova relação através dos escritos e dos discursos vinculados pelos militantes do Movimento Regionalista do Nordeste, que produzira uma espécie de endereço, de localização geográfica para o sertão, mas nenhuma outra região iria representar com tanta força esse conceito, como o Nordeste, em que o Sertão aparece praticamente como sinônimo.

Gomes (2008) refere que qualquer ato de comunicação e toda manifestação da linguagem envolve interpretação. Nesse sentido, todas as imagens que constantemente vemos em nosso cotidiano oferecem possibilidades de produção de sentidos. Nessa perspectiva, consideramos que a telenovela é um tipo de programa que atinge as mais diversas classes sociais e passamos a um comportamento mais analítico das suas representações do Sertão e do sertanejo nas peças que analisamos. Para organizar nossas reflexões, organizamos a análise em torno de quatro categorias, a saber: 1- Visão generalizada do sertão; 2- A representação do sertão como lugar subdesenvolvido; 3- A representação do sertanejo como sujeito forte, destemido e orgulhoso de si; e 4- A cultura sertaneja como coisa estranha e cômica.

VISÃO GENERALIZADA DO SERTÃO

Todo discurso é ideológico, por isso “uma produção discursiva que parece ingênua está carregada de sentidos que diferencia pessoas, separa os grupos e produz hierarquias e classificações que servem aos interesses das forças e das elites do poder” (KELLNER, 2001, p. 83).

A mídia veicula, na maioria das vezes, um discurso generalizado que é o resultado de uma mescla de vozes e de sentidos, que produzem uma compreensão única. No momento em que seleciona algo e divulga como sendo a realidade, com um sentido de verdade, o telespectador toma para si tal representação como sinônimo da própria realidade.

A generalização, segundo Oriole Mury (1968 apud KOMESU, 2012), resume-se em “uma operação que consiste em reunir sob um conceito único os caracteres comuns observados em vários objetos singulares e estender esse conceito a uma classe indefinida de objetos possíveis” (p.248), que acaba sendo repassada entre os sujeitos em seu meio social, o que torna o outro uma carga de generalizações. Neste trabalho, observamos que as generalizações, constituídas por atribuir as qualidades comuns a uma classe de indivíduos, rejeitando as diferenças e reunindo essas qualidades em uma única ideia, é a expressão máxima dos estereótipos que resumem todas as características em uma única marca, normalmente pejorativa. Na visão de Morfaux, estereótipos são “imagens pré-concebidas e cristalizadas, abreviadas e fatiadas, das coisas e dos seres que o indivíduo faz sob a influência do seu meio social” (MORFAUX, 1980, p.34 apud KOMESU, 2012, p.215).

Nas telenovelas analisadas, a principal generalização que observamos foi o fato de todo nordestino ser tratado como sertanejo, como se um termo fosse sinônimo do outro, esteja se referindo ao interior ou ao litoral. Quando se referem ao sertão, as telenovelas também não fazem distinção entre zona rural e zona urbana. A ideia que se cria é de que todo nordeste é sertão, e todo sertão é rural com, no máximo, pequenos centros urbanos. A fala de Damiana, abaixo, em conversa com Felizardo (Novela “Aquele Beijo”), ilustra bem essa confusão entre Sertão e Nordeste.

Damiana: - “Ela desistiu do divórcio”.

Felizardo: “Eu desisti também e também desisti de vender a casa e ir pra Paraíba”.

Damiana: - “Mas e a Paraíba? E o desejo de mãinha? A vontade de painho”?

Felizardo: - “Eu conheço Locanda, ela é uma mulher do mundo, é uma mulher que gosta de moda de informação, ela jamais seria feliz no Sertão”.

(Aquele Beijo, Rede Globo, 2012: disponível em:
<http://tvq.globo.com/novelas/aquelebeijo/personagem/felizardo-barbosa-diogo-vilella.html#cenas/1897805>)

Nesse diálogo, as personagens referem-se, inicialmente, ao estado da Paraíba e, no final, acabam por referenciar o lugar como sertão, como se Paraíba e Sertão fossem uma coisa só. Não consideram que o estado tem regiões que diferem umas das outras com culturas, povos e aspectos geográficos diferentes. Existem, dentro do Nordeste, vários nordestes, e dentro do sertão, vários sertões.

Segundo Neves e Miguei (2007), alguns filólogos contemporâneos atribuem étimo controverso ou obscuro à expressão sertão, que deriva do vocábulo latino *desertanu*, de genealogia pouco conhecida, mas que, para muitos, significa região agreste, árida, despovoada, lugar recôndito, distante do litoral, terra e povoação do interior; enfim, o interior do país.

Albuquerque Jr. (2001) enuncia que, a partir do Século XIX, o sertão foi associado a uma imagem muito comum, que ainda resiste até os dias atuais, que faz referência às regiões semiáridas. Ainda assim, seu significado não fica restrito a determinado espaço específico, e é denominado de sertão todo e qualquer interior, de qualquer região do país.

Outra generalização verificada nas telenovelas observadas diz respeito ao uso dos ornamentos de couro pelos habitantes do sertão. Sandálias, chapéus, coletes e bolsas fazem parte do figurino dos personagens representantes do sertão, independentemente do lugar em que estejam. Em “Caras e bocas”, há um fato curioso: a telenovela não está ambientada no sertão nem as personagens são sertanejas como consideramos aqui. Adenor, Ivanete e Fabiano são personagens soteropolitanos que moram em São Paulo, no entanto trazem em suas falas e em seus atos os hábitos e os modos da cultura sertaneja. Isso reforça a generalização que não distingue a capital da Bahia da região do sertão do Estado. Há uma cena em que o personagem “Adenor” chega à cidade de São Paulo de ônibus e desce numa rodoviária lotada onde a suposta irmã, sobrinhos e cunhado estão a sua espera. O imigrante usa uma sandália e uma bolsa de couro. Chama a atenção o jeito espalhafatoso e barulhento com que é recebido por seus parentes, o que demonstra uma visão peculiar do comportamento das famílias nordestinas. Nessa cena, além de generalizar o uso da indumentária do couro curtido como marca sertaneja, há um reforço da confusão entre Sertão e Nordeste, posto que representa com os estereótipos sertanejos um habitante da cidade de Salvador que é uma metrópole litorânea.

Outra questão inserida nesse contexto das generalizações é a utilização do artesanato para ornamentar as casas e a comida típica que se destaca pelo número de vezes que são representadas nas telenovelas. Consideremos estes trechos das telenovelas “Aquele Beijo” e “Caras e Bocas” da Rede Globo de televisão:

Damiana se dirigindo a Locanda:

- “Louca você vai ficar é no sertão, nas mãos de Felizardo e nas minhas, tendo que comer carne de bode quase todo dia”.

(Aquele beijo, Rede Globo 2012: Disponível em:

<http://tvq.globo.com/novelas/aquelebeijo/personagem/felizardo-barbosa-diogo-vilella.html#cenas/1885878>)

Ivonete conversando com Fabiano:

- “Olhe, Fabiano, eu tô fazendo uma carinha seca caprichada na cebola do jeitinho que tu gosta”.

(Caras e bocas, Rede Globo, 2009: Disponível em

<http://globotv.globo.com/rede-globo/caras-bocas/t/veja-tambem/v/fabiano-e-ivonete-se-reconciliam/1185401/>)

O uso do artesanato como parte integrante do cenário das telenovelas é bastante perceptível. Em alguns casos, como em “Cordel Encantado”, o fuxico, um tipo de artesanato feito com retalhos, é utilizado com frequência em todas as casas da vila, onde se passa a maior parte das cenas da telenovela. São vários itens que fazem parte da decoração das casas, como: almofadas, cortinas, tapetes e colchas. Nas demais novelas analisadas, também foi muito comum o uso de artesanato em rendas e em crochê, além de estatuetas, meringas e jarros de barro.

A religiosidade do sertanejo também foi colocada de maneira única nas telenovelas: altares no interior das casas, apelo frequente aos santos católicos e pequenas igrejas fazendo parte do cenário, muitas vezes de forma decisiva, como em Cordel Encantado, em que a igreja é palco de grandes acontecimentos.

A música representativa do sertão nas telenovelas tem sido sempre o forró, ocasionalmente, a moda de viola. Na telenovela “Cordel Encantado”, o salão de festas é denominado “Forró da Florinda”; nele todos dançam forró ao som de uma banda típica com triângulo, zabumba e sanfona. Também em “Aquele Beijo”, na viagem de Felizardo pelo sertão em cima de um pau-de-arara, um forró é fundo musical da cena, ambientando a localização geográfica, referindo-se ao contexto em que o personagem estava inserido no momento.

Muito se fala da pluralidade cultural e da valorização da cultura brasileira. Isso está posto como um dos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que propõem:

Conhecer e valorizar a pluralidade cultural do patrimônio sociocultural brasileiro bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe, social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (BRASIL, 2000, p.7)

No entanto, o que se percebe, em determinados contextos, é um tipo de marca que cada região produz e que é arrolada como sendo geral, sem que se leve em consideração justamente a variedade que cada estado ou região brasileira por si só é capaz de produzir. Representações estereotipadas como essas constituem símbolos que vão sendo apregoados nas mentes dos

espectadores que, por sua vez, vão repassando esses conceitos como um efeito de verdade. Segundo Gomes (2008),

por meio do trabalho simbólico, a mídia constrói sentidos, imagens e representações que são arroladas, propagadas e negociadas pelos interlocutores como valor de verdade, embora, sejam sempre representações. São representações muitas vezes, centradas nos grupos sociais que detém o poder inerente a um processo comunicacional seja ele qual for. (GOMES, 2008, p. 22-23)

Outra constatação considerada muito relevante para esse contexto de generalização e estereótipos refere-se à espécie animal que foi mais perceptível durante todo o trabalho de análise: trata-se do bode e do jumento, que aparecem até mesmo em lugares inesperados, como em uma cena da novela “Cheias de Charme”, em que a personagem ‘Socorro’ dorme com um bode em uma praia do Piauí. O bode e o jumento aparecem nas telenovelas analisadas como parte do cenário para dar ideia de que o personagem está no Sertão, como motivo de afirmação de determinada identidade. O animal chega a se confundir com os personagens. Em uma cena da telenovela “Aquele Beijo”, Felizardo viaja com outras pessoas em cima de um pau de arara e, no mesmo carro, viaja um bode entre elas, como se o animal e aquela gente fossem uma só coisa. Temos mais um exemplo disso na cena abaixo, retirada da telenovela “Cheias de Charme”:

A cena inicia-se mostrando alguns pontos da cidade: Uma praça, uma praia com barcos, um rebanho de bode e uma vaca em frente a uma casa simples com cerca de gravetos de madeira.

(...) Socorro tenta fugir correndo pela cidade e passa por um rebanho de bodes por entre dunas sendo perseguida pela população (Diário de Pesquisa – Descrição da telenovela Cheias de Charme, Rede Globo, 2012. <http://globo.com/rede-globo/cheias-de-charme/v/cap-274-cena-socorro-e-perseguida-pelo-povo-de-sobradinho/1923624/>).

A generalização, vista aqui como uma forma de reunião de conceitos singulares, foi transferida para uma pluralidade generalizada e transformou uma verdade individual em uma realidade coletiva, porquanto o discurso possibilita a permanência das representações por ser o lugar onde língua e ideologias se relacionam para produzir sentidos.

A REPRESENTAÇÃO DO SERTÃO COMO LUGAR SUBDESENVOLVIDO

Ao analisar um país de grande extensão territorial como o Brasil, observa-se a existência de desigualdades raciais, culturais, econômicas e sociais entre as cidades, os estados e as regiões. Comumente, as áreas mais desenvolvidas controlam as atividades econômicas utilizando a mão de obra das regiões menos favorecidas e, conseqüentemente, menos desenvolvidas. Essas desigualdades têm raízes muito profundas e complexas, no entanto, representações simplistas dividem a realidade em duas: povos pobres e povos ricos; lugares desenvolvidos

e lugares subdesenvolvidos etc. O mascaramento de uma dada realidade como a sertaneja, por exemplo, funciona como uma exaltação de determinado aspecto para ressaltar outras tidas como melhores, o que acaba servindo às camadas mais abastardas e desfavorecendo as classes menos validas. O êxodo dos habitantes do sertão, por causa da seca e da miséria, vistas como fatalidades naturais, é um exemplo desse mascaramento e está retratado na telenovela Gabriela. Vejamos a seguir:

Tio de Gabriela conversando com o vizinho:

- “Tu ‘divia’ ir embora também, aqui só tem a morte esperando por nós”. (...) “Essa terra tá esquecida por Deus, a criação já morreu toda. Eu vou embora com a minha sobrinha antes que ‘seje’ tarde”. (Gabriela, Rede Globo, 2012, Disponível em: <http://tvq.globo.com/novelas/gabriela/personagem/gabriela-juliana-paes.html#cenas/1999781>)

Nessa cena, os sertanejos dependem exclusivamente das condições naturais do lugar para se alimentarem e viverem, portanto, quando o lugar já não oferece mais as condições de que precisam, fogem para um lugar que seja considerado melhor e mais desenvolvido.

A pobreza e a simplicidade dão margem para se interpretar a miséria do sertanejo que, de tão pobre, não tem condição sequer de ter um tratamento médico, como mostra esta descrição:

Os retirantes andam entre paredões de pedras:

O tio de Gabriela passa mal, tosse muito até expelir sangue. Gabriela fica logo preocupada e o tio pede que a mesma continue a viagem com os dois rapazes e que o deixem ali no caminho. Enquanto os urubus voam ao redor de todos, o tio é colocado em cima do jumento para prosseguirem a viagem. (Gabriela, Rede Globo, 2012; <http://tvq.globo.com/novelas/gabriela/personagem/gabriela-juliana-paes.html#cenas/1999785>).

Toda essa miséria se dá num sertão visto como lugar de seca que, ressaltamos, é bastante explorada. Em cenas iniciais da telenovela “Gabriela”, os personagens moram numa casa de pau a pique, tendo a sua volta solo rachado, vegetação de caatinga, árvores secas, animais mortos, um lago com uma poça de água barrenta, onde Gabriela se banha e utiliza a mesma água para o consumo. Os sujeitos estão numa condição de miséria tão grande que são completamente dependentes do que o lugar tem a dar.

(...) a sertanidade vai-se fixando no imaginário brasileiro através de estereótipos calcados nas ideias de atraso, de pobreza e de incivilização, especialmente pelo fato de que as elites, tanto de um polo quanto de outro, descrevem o Sertão como um espaço ligado ao passado e ao mundo rural. (VASCONCELOS, 2011, p.127)

O Sertão e o sertanejo miserável que a mídia traz são produtos inseparavelmente ligados a um sistema de forças de poder. É um discurso

permeado por vários outros discursos. Essa imagem leva-o a se configurar como um lugar inferior devido às suas condições naturais, sem considerar as ações de intervenção existentes. Por causa disso, o Sertão é visto como um lugar subdesenvolvido, quando comparado com outros lugares. Essa é mais uma demonstração de preconceito. Vejamos a descrição da cena abaixo:

Tia de Monalisa, conversando com ela:

-“Tu ‘vem’ pro Rio de Janeiro, arruma um jogador de futebol e vai voltar pra Paraíba com a gente feito uma pau-de-arara? Teu lugar é aqui!” (Avenida Brasil: Rede Globo, 2012: <http://tvq.globo.com/novelas/avenida-brasil/capitulo/2012/3/30/monalisa-sofre-um-acidente-de-onibus.html>)

O que percebemos nessa fala destacada é que até mesmo os próprios sujeitos de origem sertaneja, em suas representações, afirmam algo que, conseqüentemente, vem sendo escutado e repassado como valor de verdade, tornando sua própria fala veículo de transmissão de ideias perpetuadas na sociedade de que fazem parte.

Segundo Gomes (2004), os sentidos processados na coletividade não podem ser tomados como responsabilidade de um só indivíduo, porquanto a voz de um indivíduo é a voz do grupo ao qual pertence. Todo esse argumento é calcado no discurso das classes dominantes, construído com base numa representação do outro e moldado pelas relações de poder e de ideologia inerentes a determinado grupo social e que é propagado pelos indivíduos pertencentes a ele.

Outro aspecto decisivo para os sertanejos representarem a pobreza e a simplicidade são as vestimentas. As roupas são modestas, quase sempre, com cores que chegam a se confundirem com o cenário, como se não houvesse distinção entre povo e lugar. Em “Cordel Encantado”, telenovela ambientada no sertão nordestino, as vestes dos sertanejos são, em grande parte, de farrapos ou pardas, encardidas, da cor da terra. Parece haver uma fusão, como se as roupas e as casas corassem com suas aparências simples uma realidade de miséria. Gabriela, como moradora do sertão, veste farrapos e anda descalça. Apenas na cidade de Ilhéus passa a ter tratamento diferenciado disso, porém, não se acostuma com o uso de certas coisas, como o sapato, por exemplo.

A REPRESENTAÇÃO DO SERTANEJO COMO SUJEITO FORTE, DESTEMIDO E ORGULHOSO DE SI

Contraditoriamente ao que foi exposto acima, abordaremos neste tópico representações do sertanejo que também fazem parte dos achados deste trabalho e que tratam o sertanejo numa perspectiva épica, como sujeito forte, destemido, como na propalada frase de Euclides da Cunha - “O sertanejo é antes de tudo um forte”.

As culturas são compostas de símbolos e representações que produzem sentidos que influenciam nossas ações e as concepções que temos de nós mesmos e constroem identidades. Encontramos entre as cenas o reconhecimento e a valorização das origens por parte de alguns dos personagens observados. O

principal exemplo disso, nas telenovelas analisadas, é a épica de Cordel Encantado. A trama, como um todo, é um bom exemplo disso. O sertanejo (Jesuíno) e o cangaceiro (Herculano), com as demais personagens que circulam em sua volta, são a representação máxima da coragem, da astúcia e da hombridade guardada por trás da aparência simples e rústica. Parece que a narrativa tem um encaminhamento único: revelar a grandiosidade da alma sertaneja, incluindo aí a coragem, a religiosidade a solidariedade, a luta pelo seu povo etc.

Como exemplo dessa afirmação de pertença e de valorização, encontramos também trechos de telenovelas que traduzem em discurso a épica sertaneja. Vejamos, abaixo, trechos de “Avenida Brasil” e “Cordel Encantado”:

Monalisa em conversa com Iran:

- “Então, meu filho, não vem cantar de galo pra cima de mim, porque isso é que é cafona, você ter vergonha de quem você é. Você quer melhorar na vida tá certo, tá ótimo, é isso mesmo, vamos melhorar, um dia após o outro, agora nunca tenha vergonha da onde você veio”.

Iran: -“Desculpa, mãe. Eu amo a senhora e esse jeitinho de paraibana arretada que você tem”.

(Avenida Brasil: Rede Globo, 2012:
<http://tvq.globo.com/novelas/avenidabrasil/personagem/monalisa-heloisa-perisse.html#cenas/2084297>)

Herculano em conversa com Jesuíno:

Jesuíno:- “Por que o senhor não vem comigo pra Seráfia”?

Herculano: - Eu sou um cangaceiro, meu reino é o Sertão.
Cordel Encantado, Rede Globo, 2011.
<http://tvq.globo.com/novelas/cordelencantado/videos/t/cenas/v/cena-229-herculano-e-jesuino-reatam/1639057>)

A solidariedade e a coragem sem desistir dos sonhos é o que percebemos na descrição das cenas abaixo, extraídas de “Gabriela” e de “Cordel Encantado”:

Gabriela em conversa com seu tio e com Clemente:

Gabriela: - “Levante meu tio, tenha força, levante”.

Clemente:- “Ele escarrou sangue”.

Tio de Gabriela:- “Eu não posso mais. Vai embora com eles Gabriela. A minha hora chegou”.

Gabriela:- “Oxé meu tio”.

Tio:- “Vá ‘simbora’ Gabriela. É aqui que eu fico”.

Gabriela: - “Vou não, eu não vou deixar o senhor aqui pros urubu”.

Clemente: - “Deixar ‘vósmicês’ pra trás é deixar pra morte”.

(Gabriela, Rede Globo, 2012.

<http://tvq.globo.com/novelas/gabriela/personagem/gabriela-juliana-paes.html#cenas/1999788>)

Miguezim em conversa com Isaías:

Miguezim: - “(...) Mas a Vila da Cruz estará sempre aberta para quem precisa de abrigo, remédio, paz. Tu irmão, tem fome de que? Seja qual for tua fome, sejam muito bem vindos”.

(Cordel Encantado, Rede Globo, 2011:

<http://tvq.globo.com/novelas/cordelencantado/personagem/euzebio-bezerra.html#cenas/1607876>)

Em outras ocasiões, essa coragem assume um tom profético ou é representada como valentia que torna o sertanejo parecido com o cangaço. Em “Cordel encantado”, essa representação é personificada em Miguezim, Jesuino, Herculano, Dora e muitos outros.

Euzébio em conversa com Jesuino:

- “Mas é coragem de mamar em onça. Como é que um pé rapado como tu, tem a ousadia de vim em minha casa, pedir a mão de minha filha em casamento”? (Cordel Encantado, 2011 Disponível em:

<http://tvq.globo.com/novelas/cordelencantado/personagem/virtuosa-bezerra.html#cenas/1483244>)

Monalisa em conversa com Carminha:

Monalisa:- Sua o quê? Sua cangaceira, sua Paraíba, o quê? Vai, fala!

Carminha:- Cangaceira dos infernos é isso que você é. (Avenida Brasil, Rede Globo, 2012: Disponível em:

<http://globotv.globo.com/redeglobo/avenidabrasil/t/cenas/v/monalisa-confronta-carminha-e-descobre-armacao-dopassado/2179206/>)

Na cena acima, referente à novela “Avenida Brasil”, o termo cangaceira é utilizado de forma pejorativa, diferentemente do que ocorria em “Cordel Encantado”, porém, do mesmo modo, há um alinhamento, pois é como se ser sertanejo e ser cangaceiro fossem a mesma coisa. Em concordância com Albuquerque Jr. (2001), defendemos que “o discurso do estereótipo é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras”.

Importante observar também que a épica sertaneja de “Cordel Encantado” faz do sertanejo um sonhador, que espera a salvação do lugar pela ação do homem, mas, sobretudo, por um messianismo tosco. O “profeta Miguezim” traz claras referências à figura de Antônio Conselheiro e alimenta o imaginário, emoldurados pelo fanatismo religioso, pela transferência de poder e pela esperança de salvação, que só uma força maior é capaz de operar. Ele solidifica a imagem de um sertanejo apegado às coisas divinas, e a noção de sertão como pobre, miserável, dependente da misericórdia divina. As intervenções humanas, racionais e planejadas voltadas para a convivência com o sertão não existem. Tudo que não é a miséria é fruto da coragem e da graça celestial.

A CULTURA SERTANEJA COMO COISA ESTRANHA E CÔMICA

Apesar de encontrarmos indícios de valorização da cultura sertaneja, como retratamos no tópico acima, não nos faltaram exemplos de falas que são estereótipos sobre a cultura e os sujeitos, que classificamos como uma retórica ideológica. Para Kellner (2001), ideologia é

uma retórica que tenta seduzir os indivíduos para que esses se identifiquem com o sistema dominante de valores, crenças e comportamentos. Reproduz as condições reais de existência desses indivíduos, mas de uma forma mistificada na qual eles não conseguem reconhecer a natureza negativa e historicamente construída, portanto modificável, de sua sociedade. (KELLNER, 2001, p.147)

Não faltaram falas de personagens que não são sertanejos e não vivem no sertão, mas que têm um elo com os seus representantes, porém, manifestam certo preconceito em relação a ela. Como exemplo bem forte disso, podemos citar a novela “Aquele Beijo”, em especial, a personagem “Locanda”, casada com “Felizardo”, um nordestino da Paraíba, e que se coloca como estranha e alheia à cultura sertaneja.

Locanda em conversa com Felizardo:

– De jeito nenhum. Eu não boto a mão em bode, eu tenho nojo, tenho horror, eu não sou sertaneja. Eu não tô acostumada a comer essas esquisitices (Aquele beijo, 2011: <http://tvq.globo.com/novelas/aquele-beijo/personagem/felizardo-barbosa-diogo-vilella.html#cenas/1853715>)

Um dado importante nessa direção é o que se pode perceber em relação à cor das roupas das personagens: quando não dão ideia de pobreza e de simplicidade, denotam coisa espalhafatosa, de mau gosto, colorido e exagerado. Quando ambientada no sertão, a roupa é normalmente sóbria. Quando o enredo acontece nas grandes cidades do Sudeste, o colorido se faz presente, como se, por si só, as vestimentas floridas representassem o sertão. Como exemplo disso, podemos citar as personagens Chayene e Socorro, da telenovela “Cheias de Charme”, que utilizam, no dia a dia, roupas chamativas. Mas essa característica também é bem perceptível em muitas outras personagens, principalmente nas femininas, que usam roupas com cores quentes e estampas florais.

Segundo Anadón e Machado (2003), as representações sociais se guardam entre o conceito e a imagem. No âmbito do conceito, objetivam abstrair o sentido real, e a imagem reproduz o real de maneira concreta. Exatamente o que a mídia tenta elaborar em suas representações, extraíndo conceitos e gerando imagens. Essas imagens são massificadas e criam ícones, quase que uma obsessão. Tomemos a relação de Felizardo com a carne de bode como exemplo.

Felizardo conversando com Locanda:

- “Amanhã eu quero comer bode guisado que você vai preparar”. (Aquele beijo, 2011: <http://tvq.globo.com/novelas/aquele-beijo/personagem/felizardo-barbosa-diogo-vilella.html#cenas/1853715>)

Felizardo em conversa com Raimundinha:

- “Raimundinha, lá na cadeia, eu sonhava bem é com uma buchada de bode”. (Aquele beijo, 2011: <http://tvq.globo.com/novelas/aquele-beijo/personagem/felizardo-barbosa-diogo-vilella.html#cenas/1747599>)

Essa noção de figura cômica e barulhenta, em alguns casos, leva à idiotização e à maneira cômica e excêntrica de agir e de se expressar. Chama a atenção pela linguagem e pela galhardice estúpida, como é o caso das personagens Socorro e Chayene, da telenovela Cheias de Charme. Na maioria das vezes, essas excentricidades vão ao extremo e criam personagens grotescas e caricaturais. Chayene conversando com os moradores de Sobradinho:

- “Amadinhos de Chay botem os óculos escuros porque Chayene chegou para brilhar mais do que a luz do sol. (vaiais) O que é que é? ‘Cês’ tão me trocando por essa curica ração de piranha”? (Cheias de Charme, 2012: <http://globo.com/rede-globo/cheias-de-charme/t/cenas/v/chayene-e-vaiada-em-sobradinho/2157357/>)

Esse tipo de personagem criado para provocar o riso dos espectadores cria imagens distorcidas de um povo. Ressalte-se que “a comunicação não se reduz ao ato de transmitir uma mensagem. Ela deforma, diferencia, traduz, da mesma forma que os grupos criam, deformam ou traduzem os objetos sociais ou as imagens dos outros grupos” (MOSCOVICI apud ANADON e MACHADO, 2003, p.18).

CONSIDERAÇÕES EDUCATIVAS

Como vimos, a mídia televisiva é capaz de compor várias representações da sociedade, entre elas, o estereótipo, a generalização e o discurso ideológico. Essas representações se traduzem em práticas formativas, embora, não oficialmente, não façam parte do ideário da educação formal. No entanto, à medida que os educadores introduzem em suas práticas escolares os materiais culturais produzidos pela mídia, introduzem também suas representações.

As percepções das mídias sobre o mundo são capazes de influenciar condutas e pontos de vista. A forma mais segura de se lutar contra isso é com a formação crítica, que confere condições de análise e enfrentamento das “verdades” lhes são repassados. Isso está relacionado à educação, um processo social que afeta todas as pessoas, em qualquer situação, na vida pública ou privada. Segundo Moran (2007), “toda a sociedade educa quando transmite ideias, valores, conhecimento e quando busca novas ideias, valores e conhecimentos”. Cabe a cada um, com o seu conhecimento crítico, avaliar o que

vem sendo propagado, em especial, ao que a televisão vem produzindo, transmitindo e retransmitindo, lembrando sempre que a mídia produz um discurso capaz de assegurar a permanência de representações.

A representação social é a construção social de uma saber ordinário (de senso comum) elaborado por e dentro das interações sociais, através dos valores, das crenças, dos estereótipos etc. partilhada por um grupo social no que concerne a diferentes objetos (pessoas, acontecimentos, categorias, objetos do mundo etc.), dando lugar a uma visão comum das coisas". (ANADÓN e MACHADO, 2003, p.14)

Cabe aqui propor o uso dessas imagens e discursos na educação contextualizada, principalmente para o sertão nordestino, pois, por meio da educação, podemos escolher perspectivas diferentes de análise, e cada uma terá seu fundamento, pois, quando trocamos nossas experiências, ideias e ideologias, construímos novas percepções da sociedade onde estamos inseridos e somos instigados a provocar mudanças.

ABSTRACT

This work has the purpose to study visual representations about the backlands (sertão) and its implications for educational issues. It results from a research that examines five hours of recording of telenovelas of open channels of TV in Brazil over the last five years. The work aims to highlight the modes of production of stereotyped views of the backlands (sertão) and its people and subsidize the use of the images for a proposal of contextual education related to socio-cultural issues.

Keywords: Backlands, Media, Representation.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. Recife; FJN: Ed Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ANADÓN, Marta; MACHADO, Paulo Batista. *Reflexões teórico-metodológicas sobre as representações sociais*. Campinas, SP: EDUNEB, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Trad.Fabiana Komesu. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

GOMES, Antenor Rita. *Falando em imagens: o processo de produção de sentido sócio-pedagógico do texto imagético verbal em atividades de ensino da Língua Portuguesa*. 2004. Tese (Doutorado em Educação).

_____. *Linguagem imagética e Educação*. Guarapari, ES: Ex Libris, 2008.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MORAN, José Manuel. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

NEVES, Erivaldo Fagundes; MIGUEL, Antonieta (Org.). *Caminhos do sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia*. Editora Arcádia, 2007.

SILVA, Denize Elena Garcia da; VIEIRA, Josênia Antunes. *Análise do discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília: Plano, Oficina Editorial, Instituto de Letras UnB, 2002.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. *Ser-tão baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana*. Salvador: EDUFBA, 2011.